

## **“Ô MÃE, ME EXPLICA, ME ENSINA, ME DIZ O QUE É FEMININA?”**

*Fernanda Samico Küpper*

É notória a contribuição que as mulheres sempre deram à engrenagem da psicanálise enquanto campo teórico. Desde Anna O., passando por Dora e desembocando em Aimée, elas funcionam como musas, causando em seus analistas desejo de saber. A clínica de nossos tempos não foge à regra. As mulheres, afetadas pela condição de não-todas, comparecem nos consultórios - com seus sintomas histéricos, fóbicos, obsessivos – num número cada vez maior e mobilizam os analistas a pesquisar... mais, ainda. A questão do feminino – e sua especificidade – constituiu o ponto de partida da psicanálise e não cessa de ser o ponto crucial que move o retorno à doutrina psicanalítica.

No fim do século XIX, Freud se propôs a escutar as histéricas sem lançar mão da hipnose ou da sugestão, deixando que a subjetividade destas mulheres, manifestada em seus corpos marcados pelas conversões, comparecessem em seus discursos. E o discurso o transportou para a dimensão do sujeito do inconsciente, dividido pelas vicissitudes do amor, do desejo e da fantasia. Levado pelo desejo de saber a relação entre a etiologia da histeria e a sexualidade, Freud possibilitou que a histeria pudesse deixar seu estatuto de doença tipicamente feminina para se tornar uma modalidade possível de relação humana, na qual o desejo e suas construções possibilitam montagens que diriam muito mais da natureza humana do que de uma patologia. No ato de convidar a falar, inaugurou um campo ético que transportou o tratamento psicanalítico para além das fronteiras de uma terapêutica de resposta à demanda. Centrada no *bem-dizer* o próprio sintoma, a psicanálise trouxe o que é da ordem do sofrimento para o regime da palavra.

Foi pela repetição do relato de uma fantasia feminina em particular que Freud pôde desenvolver um dos temas capitais para a psicanálise. Na rotina da sua clínica, escutando as fantasias infantis de espancamento que mulheres (e alguns homens) traziam, ele pôde registrar as hipóteses que formariam o texto do prestigioso *Uma criança é espancada* (1919/1996) e, com esta contribuição, abrir a senda da teorização do masoquismo. Na clínica, a repetição sempre produz indicações importantes para o caminho da psicanálise. No dia-a-dia da clínica que conduzo, os elementos que se repetem geralmente remetem às questões dessas mulheres com suas mães. Falas que indicam vínculos simbióticos fazem parte do discurso de algumas analisandas e marcam um ponto de convergência no vínculo com suas mães. Há algo de específico na vinculação entre mãe e filha que é diferente da vinculação que uma mãe mantém com um filho. Este é o ponto nodal da pesquisa que, juntamente com a professora Dra. Heloisa Caldas, conduzo em minha dissertação de mestrado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Sabemos, desde o texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905, que a mãe é o primeiro objeto sexual tanto para o menino quanto para a menina, partindo da lógica que o seio materno encarna o paradigma para todo vínculo amoroso. Porém, a fase pré-edípiana não é vivida por ambos da mesma maneira. Freud (1931/1996) averigua, no artigo *Sexualidade Feminina*, que esta fase tem uma importância muito maior na vida das mulheres do que nas dos homens e adiciona que a história pré-edípiana da menina é, em grande parte, o que determina seu futuro como mulher. Ainda neste artigo, completa que esta fase de exclusiva ligação entre mãe e filha está relacionada à etiologia da histeria e que nesta dependência excessiva da mãe pode-se localizar o germe da paranóia, hipótese levantada no artigo *Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença*, de 1915.

É neste artigo de 1915, mais especificamente, que encontramos as indicações iniciais sobre a importância do vínculo entre mãe e filha para o entendimento da neurose e para o futuro dos laços afetivos femininos. Freud percebera a influência absoluta que o chamado complexo materno podia exercer sobre a vida psíquica de uma mulher. A idéia de um complexo materno, aliada à descoberta da fase pré-ediapiana (fase de ligação exclusiva com a mãe), permite que Freud (1931/1996) afirme no artigo sobre a Sexualidade Feminina que: “Muitos fenômenos da vida sexual feminina, que não foram devidamente compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por referência a essa fase” (p. 265). No ano seguinte, no texto sobre a Feminilidade (1932/1996), ele destaca a intensidade e a longa duração da ligação pré-ediapiana da menina à mãe e enfatizou o elemento ativo na atitude da menina para com a mãe na feminilidade em geral.

O entendimento desta ligação primária com a mãe, aqui chamada de pré-ediapiana, ganha contribuições fundamentais a partir da leitura de Lacan e de alguns comentadores de sua obra. Podemos aproximar este vínculo primitivo com a mãe com a relação que observamos entre a criança e o seu primeiro Outro. Esse Outro que a criança se relaciona, a saber, o Outro primordial, em um primeiro momento é entendido como não dividido pelo lugar da Lei que o Nome-do-Pai introduz. A mãe é, portanto, percebida pela criança como provida de falo, como mãe fálica.

Por outro lado, no que toca ao desejo da mãe, a criança ocupa a posição de uma promessa de completude, ou seja, a mãe busca no filho uma compensação para a sua falta como mulher. Freud já apontava este deslizar metonímico, onde o anseio pelo pênis, marca do *penisneid*, é substituído pelo desejo de um filho. Mas esta operação está fadada ao fracasso da designação feminina. Pommier (1991) ensina que “A mulher com a criança não responde ainda à questão da identidade feminina, mesmo que ofereça uma solução

momentânea para o problema do que quer uma mulher.” (p. 32). A maternidade é de ordem masculina porque está diretamente vinculada ao valor fálico do filho para a fantasia da mãe.

A aposta da criança, então, é tentar, em vão, encarnar o objeto que responde à falta da mãe. É nesta constatação, que situa a mãe como faltosa, que a instância paterna pode exercer sua função. Desta forma, tanto o menino quanto a menina podem encontrar, pela referência paterna, a via de libertação desta identificação com o falo imaginário que o desejo materno os fixa. O “não” do pai interdita um gozo absoluto, buscado pela mãe. Esta referência fálica, exercida pelo Nome-do-Pai, indica uma função que mediatiza a relação da mãe com a criança, fundamental para sua saída edipiana, uma vez que a castração se define pela separação entre mãe e criança operada pela função paterna.

A articulação entre falo, castração e a intervenção da metáfora paterna só é suficiente para dar conta do complexo edipiano no menino. Para elucidar a especificidade do complexo na menina é preciso levar em conta uma dimensão além do falo. Em *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina*, Lacan (1998) localiza a condição genuinamente feminina entre ausência e pura sensibilidade. Uma mulher se divide entre significante e gozo, ou melhor, entre uma parte que é atingível pelas palavras e outra que está além delas, baixo o signo do real. Assim sendo, a metáfora paterna mostra-se parcialmente inoperante, o que deixa uma mulher transitar dentro e fora do registro simbólico. É em parte marcada pela castração e em parte não. É nesse registro mais além do simbólico que se encontra tudo o que há de particular na sexualidade feminina.

A menina, desprovida do atributo privilegiado, tem sua saída do Édipo menos definida. Não há para a menina um traço unário para sustentar sua identidade feminina. Toda significação que for oferecida à menina sobre esta identidade será sempre incompleta, ou “não-toda”, porque sua saída edipiana leva também a uma identificação viril. Há, então,

o surgimento de um apelo da menina endereçado à mãe por um significante que a represente como mulher. Este apelo se reatualiza durante toda a sua vida. “É em função dessa diferença na maneira de inscreverem-se na ordem simbólica que se determina à filha ter uma relação específica com a mãe, na condição de mulheres, ambas.” (ZALCBERG, 2003, p. 63) A mulher recua da renúncia a esta demanda pela expectativa de poder obter uma dupla compensação para sua falta-a-ser enquanto sujeito e enquanto identificada com sua condição feminina. E – por continuar insistindo na demanda direcionada à mãe, na tentativa de dar alguma consistência ao seu ser – torna nebulosa a distância entre demanda e desejo, o que dificulta o surgimento de seu desejo como separado do desejo do Outro materno.

A metáfora paterna falha em separar totalmente mãe e filha porque não interfere nesta demanda que a menina direciona a sua mãe para que esta aponte aquilo que a designará enquanto mulher. É no encantamento pela crença de uma similaridade que a menina pode se ver impossibilitada de construir laços amorosos além da demanda que direciona à sua mãe e do vínculo com ela construído e, ainda, construir-se enquanto mulher. Ou seja, esta captura impede que a menina faça a separação necessária para que construa sua própria feminilidade.

Ao movimento de separação que a filha inicia, é imprescindível que apareça um outro movimento, concomitante ao primeiro, de aceitação da mãe da passagem da filha de menina a mulher. “Quando a mãe não pranteia a perda da ilusão de semelhança de corpos e de gozo [...] na experiência feminina entre mãe e filha, uma falta de distinção pode tender a se perenizar na filha”. (ZALCBERG, pág. 197, 2003). É esta perda última que parte da mãe que, paradoxalmente, permitirá que mãe e filha apostem numa relação a despeito da atração imaginária da similaridade de seus corpos e do gozo Outro que ambas participam.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRE, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1998.

BROUSSE, M. H. Las femineidades: el Otro sexo entre metáfora y suplencia In: **Del Édipo a la sexuación**. Buenos Aires: Paidós, 2001.

FREUD, Sigmund. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmundo Freud**, v. 7. Rio de Janeiro: Imago. 1996

\_\_\_\_\_. Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmundo Freud**, v. 14. Rio de Janeiro: Imago. 1996

\_\_\_\_\_. Uma criança é espancada: Uma Contribuição ao Estudo da Origem das Perversões Sexuais In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmundo Freud**, v. 17. Rio de Janeiro: Imago. 1996

\_\_\_\_\_. Sexualidade Feminina In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmundo Freud**, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996

\_\_\_\_\_. Feminilidade In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmundo Freud**, v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996

LACAN, J. A significação do falo In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. A direção do tratamento e os princípios do seu poder In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Seminário. Livro 05: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999

\_\_\_\_\_. **O Seminário. Livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005

\_\_\_\_\_. **O Seminário. Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

MILLER, J-A. A criança entre a mulher e a mãe In: **Opção Lacaniana**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 7-12, 1998.

POMMIER, Gérard. **A exceção feminina: os impasses do gozo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

CALDAS, Heloisa **A Mulher e suas Máscaras** In: GIMENES, S.; SADALA, G. (Orgs.) **A mulher na Psicanálise e na Arte.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 1995

SOLER, Collete. **O que Lacan dizia das mulheres.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

QUINET, Antônio. As formas do amor na partilha dos sexos In: GIMENES, S.; SADALA, G. (Orgs.) **A mulher na Psicanálise e na Arte.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 1995

ZALCBERG, M. - **A relação mãe e filha.** Rio de Janeiro: Ed. Campus-Elsevier, 2003

### **SOBRE A AUTORA**

**Fernanda Samico Küpper.** Psicóloga pela UFJF, mestranda em Psicanálise pela UERJ. Leciona Teorias da Personalidade na Universidade Severino Sombra em Vassouras/RJ, onde é orientadora pedagógica da pós-graduação *lato sensu* em Teoria e Clínica Psicanalítica. Associada do Corpo Freudiano, seção RJ.